

MEIA HORA DE CYNISMO

POR

Joaquim José de França Junior

ESTUDANTE DO 4.^o ANNO DA FACULDADE
DE DIREITO DE S. PAULO

SEGUNDA EDIÇÃO.

Clavo & Barros
4011
1930

RIO DE JANEIRO

Na livraria de Cruz Coutinho — editor

75 rua de S. José 75

1870.

META HORA DE CYNISMO

1848

Impressão de Joaquim Lobo Vianna

ESTABELECE DO N.º ANZO DE 1848

DE DIRRETO DE S. PAULO

Typographia de Joaquim Lobo Vianna

79 Rua d'Ajuda 79

SECUNDA MINGA

RIO DE JANEIRO

Impressão de Joaquim Lobo Vianna

79 Rua d'Ajuda 79

1848

PERSONAGENS.

ACTORES

Os Srs.

Nogueira, Estudante do 2.º anno.....	F. Coelho.
Frederico, Bicho (estudante de preparatorios)	Leal.
Neves, Estudante do 3.º anno.....	Henrique.
Macedo, dito do 4.º anno.....	Peregrino.
Jacob, Negociante.....	J. Camara.
Trindade, Caloiro.....	D. E. Camara.
Um Official de Justiça.....	N. N.

A scena passa-se em S. Paulo.—Actualidade.

À QUEM LER

Duas palavras sobre aquelles que, na noite de 17 de Julho de 1861, tanto contribuirão para o bom acolhimento, e feliz successo de minha primeira composição.

Apresentando-me pela primeira vez perante uma platéa intelligente e illustrada, dependia todo o meu futuro de artistas poderosos e eminentes, que podessem com o seu talento supprir o que a penna me negára.

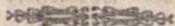
Era assim que, depositando todas as minhas esperanças no Sr. Furtado Coelho e na Sra. D. Eugenia Camara, e nos Srs. Leal, Peregrino, Henrique e Joaquim Camara, não fui illudido; e os applausos que obtive a *Meia Hora de Cynismo* vierão confirmar mais uma vez o talento brilhante dos dous primeiros artistas, e o merecimento dos outros.

Exceptuando o Sr. Furtado Coelho e a Sra. D. Eugenia Camara, artistas superiores á todos os elogios, sem offender o merecimento dos outros, eu destacarei do grupo o Sr. Leal, que na parte de Frederico fez quanto pôde fazer um actor de talento e dedicação pela arte. Oxalá receba sempre o Sr. Leal as lições d'aquelle que tanto tem contribuido para melhorar o theatro de S. Paulo, e o seu nome será em breve uma gloria para o nosso paleo.

O Sr. Peregrino, posto que lhe tocasse um papel de pequena importancia, deixou contudo entrevêr a habilidade de que é dotado.

Os Srs. Henrique e Joaquim Camara identificarão-se perfeitamente com os typos que concebi.

Com taes soldados a victoria é certa.



ACTO UNICO

O theatro representa o quarto de Trindade; ao fundo uma porta aberta e uma janella; duas portas lateraes. Junto á janella um çabide com alguma roupa em desordem, uma estante com livros encostada á parede do fundo. A' direita um piano, uma mesa no centro com livros espalhados, e á esquerda uma cama com os lenções e um cobertor encarnado em desalinho. Cadeiras etc. etc.

SCENA 1.

(Ao subir o panno ouve-se dentro uma gritaria infernal, na qual devem sobresahir as palavras—ó caloiro, ó burro, ó ladrão de gallinhas, ó destructavel, etc.)

TRINDADE, só.

TRIND: — (entrando furioso pela porta do fundo). Berra, canalha!... Miseraveis!... infames que assentão em desmoralisar um homem, qualquer que seja o logar em que se ache. (pausa: mudando de tom) São gaiatices do Sr. Nogueira. (voltando-se para a platêa). Os senhores achão isto bonito? Quasi todos os senhores são veteranos, pois bem; colloquem-se na minha posição, e fação idéa com que cara passa um homem pela rua sacudido por uma vaia como esta que acabo de tomar! Todas as janellas se abrirão, milhares de caras ás garga-

lhadas gritavão na minha pass gem, *ó burro, ó desfructavel, ó ladrão de gallinhas!*... Ora, senhores, chamarem burro á mim que fiz ha dias uma sabbatina brilhante em Direito Natural, sim, senhores, (*com expressão*) uma sabbatina brilhante, brilhantissima. Ao appello de meu nome marchei magestoso para o banco augusto dos eleitos, e então pela primeira vez elevei minha voz eloquente no sagrado recinto do templo da sciencia. Os senhores não forão á feijoada? Pois não sabem o que perdêrão. Mas ah! qual não foi a minha desesperação, quando, depois dos parabens e abraços dos meus collegas, vejo-me cercado nos Geraes da Academia por um grupo de segundo-annistas que, atochando-me um barrete vermelho na cabeça, obrigarão-me a correr pelo Largo à *guise* de uma victima do Santo-Officio! Julguei-me no meio de uma horda de selvagens, de Cafres, de Hottentotes, de Antropophagos, sim, de Antropophagos, porque estava vendo a hora em que me comião, em que me devoravão! Quiz resistir; porém quatro valentes piuvas, e milhares de punhos fechados que surdirão como por encanto do grupo negro que me cercava, embargarão-me a voz na garganta, e então pela primeira vez em minha vida tremi; tremi, não o nego, mas foi de raiva, (*indo á porta do fundo, e fallando para fóra*). Hão de me pagar, miseraveis; hei de lhes mostrar que não se desmoralisa um homem impunemente.

Berra, canalha, que eu hei de á cacete
Rachar a cabeça de algum valentão,
Pregarem uma vaia, Domingo, na rua
N'um homem como eu que já tem posição!

Infames! eu juro que a minha vingança
Cruel e terrível tremenda ha de ser,
Quam pôde um caloiro ferido em seus brios
Eu juro, canalha, que em breve hão de vêr.

Berra, canalha, que eu hei de á cacete
Rachar a cabeça de algum valentão,
Pregarem uma vaia, Domingo, na rua,
N'um homem como eu que já tem posição.

Do sangue beber-lhes, de acre vingança.

.....

Mas ah! agora é que me lembro que ainda não almocei... *(puxando o relógio e vendo as horas)*. Bem; ainda falta um quarto para as onze: hoje é Domingo, e meus companheiros não almoção senão lá para o meio dia; provavelmente ainda estão dormindo, vou acordal-os. *(vai sair pela porta do lado direito na mesma ocasião em que entra Nogueira pela do fundo; olha meio atrapalhado para Nogueira, que ri ás gargalhadas na ocasião em que elle sahe)*.

SCENA II.

NOGUEIRA, só.

NOG.—*(fumando um cigarro)*. Que impagavel caloiro! E' peor do que uma barrica de

polvorã ingleza. Não se me dá de apostar que se elle pilhasse uma pistola fazia-me alguma gracinha. Mas, coitado! prescindindo do desfructe e de todas essas susceptibilidades proprias da posição que occupa, é uma bella alma; fornece-me todos os dias cigarros, e hontem levou a bondade ao ponto de pagar-me um bilhete de platéa. Mas onde está essa gente? (*virando-se para a porta do lado direito*) O' Macedo! (*voltando-se para o lado esquerdo*) O' Frederico!

SCENA III.

O MESMO, FREDERICO E MACEDO.

MAC.—(*de dentro*). O que queres?

NOG.—Vamos á prosa. (*Macedo e Frederico entrão pela porta do lado direito*).

FRED.—(*palitando os dentes*). Desconheci agora a tua voz: pensei que fosse o Araujo.

MAC.—(*deitando-se na cama, tambem palitando os dentes*). O que ha de novo por ahi, Nogueira?

NOG.—O que ha de novo? pois vocês não sabem?

MAC.—Se soubessemos não te perguntariamos.

NOG.—(*sentando-se*) Pois bem; vou contar-lhes. Ha pouco estava eu na janella do meu quarto com o Albuquerque, o Ignacio, o Martins, e mais uns quatro ou cinco collegas do

Neves, que vão todas as manhãs filar-lhe o café de machina, quando vejo sahir do Largo do Pelourinho, e dobrar a rua da Gloria a impagabilissima figura do Trindade. O homem, apenas avistou-nos, veio cambaleando e tropeçando em quanta pedra encontrava pelo caminho. Descrever então o que se passou é impossivel! Insensivelmente seguro em uma lata de folha que tinha debaixo de minha meza... (*mudando de tom*) mas entre parentesis, vocês já almoçarão?

FRED. — Não nos vês de palito?

NOG. — (*rindo ás gargalhadas*). Que pagode: faço idéa como não estará o Trindade furioso.

FRED. E MAC — (*admirados*). Pelo que?

NOG. — Pela tremendissima hypothese de almoço que vocês lhe pregarão. O homem hoje faz um assassinato.

FRED. — O almoço estava marcado para as 10 1/2 horas; elle chegou depois da hora a culpa não é nossa: queixe-se de si.

MAC. — Ora o que é uma hypothese de almoço? Console-se commigo que já tenho tomado muitas de almoço, jantar e chá.

FRED. — (*sentando-se em uma extremidade da cama em que se acha Macedo*). Se eu contar á vocês o que se passou commigo ha quatro annos, talvez não me acreditem. Estava eu nesse tempo no collegio do João Carlos, e estudava alguns preparatorios que me restavão para lar-

gar a maldita casca de bicho, casca que até hoje ainda possuo, e julgo possuirei *per omnia sæcula sæculorum*, se Deus me der vida e saúde, quando em um bello sabbado, sahindo do collegio, deliberei lá não voltar senão d'ahi á uma semana; por outra, resolvi ficar na pandega para entregar-me aos doces prazeres de uma tacada de bilhar no Lefebre, e respirar o ar puro e livre das ruas que eu só via aos Domingos e Dias Santos. Mas desgraçadamente meus calculos falhãrão, pois metti-me na noite em que sahi do collegio em um malfadado *lansquenel*, e perdi, ainda me lembro com grande dôr, uns magros dez mil réis com que procurava satisfazer todos os meus sonhos e ambições de casca-bulho. Sahi da tal casa leve como uma penna, sem um real no bolso, disposto já a vagar pelas ruas até que rompesse a aurora, quando encontrei-me com o Martins.

NOG.—Quem? o Martins que é hoje meu collega?

FRED.—Não: aquelle bicho muito pagodista que foi recambiado para o Rio.

NOG.—Ah! sim, já sei quem é.

FRED.—Mas, como ia dizendo, encontrei-me com o Martins, e conto-lhe immediatamente o occorrido; elle solta uma risada, e diz-me que se achava nas mesmas condições, isto é, sem dinheiro, mas que entretanto morava já ha dous dias (note se que o Martins tambem estava fugido do collegio) em uma casa que um estudante

do 4.º anno tinha deixado alugada nas férias. Introduzimo-nos na tal casa, e ahí (ah! nem sei como o conte) passámos quatro dias á pecegos verdes, que em ceroulas colhiamos com as nossas proprias mãos de um rafado pecegueiro que havia no quintal, como outr'ora a bôa mãe Eva no estado primitivo colhia os fructos da arvore prohibida. No quarto dia eu estava mais magro que um canivete do Capitão, e o Martins foi transportado para o collegio, por ordem do correspondente, com uma tremenda inflammação de intestinos. (*Riem-se todos ás gargalhadas*).

Nog.—A poesia da nossa vida consiste nesses bellos episodios, (*para Macedo*). O Macedo, dá-me um cigarro.

Mac.—(*tirando um cigarro do bolso, e atirando para Nogueira*). Tome, e sem exemplo. Na Rua de S. Gonçalo ha muito bons: mande comprar.

Nog.—(*prepara o cigarro, e tirando uma caixa de phosphoros de cima da meza, accende-o*). Não duvido: porém eu prefiro os teus, (*mudando de tom*). Silencio, que se não me engano ahí vem o Trindade.

SCENA IV.

OS MESMOS E TRINDADE.

(*A entrada de Trindade todos olhão para o tecto, pulilando os dentes. Trindade fica por algum tempo mudo, e para disfarçar a sua pertur-*

bação, segura em um livro que se acha em cima da meza. Frederico, Noqueira e Macedo procurão abafar o riso).

NOG.—(*dirigindo-se á Trindade*). Bom dia, Doutor.

TRIND.—O senhor é bem ordinario, tão ordinario que não me abaixo a responder-lhe; e se não fosse attender á consideração de achar-se o senhor em meu quarto, já ha muito lhe teria quebrado uma cadeira nas costas.

NOG.—O doutor está realmente queimado! quer que lhe vá buscar um copo com agua? *sans façón*, sem cerimonia.

TRIND.—Senhor Nogueira, senhor Nogueira, não me insulte que eu hoje perco-me.

NOG.—Que mal lhe fiz eu, doutorsinho? Dar-se-ha caso que, sem o saber, lhe tenha invadido a esphera juridica?

TRIND.—O senhor ainda se atreve a perguntar-me que mal me tem feito? Quando em plena rua se insulta um homem, e o desmoralisáo só pelo simples factó de se achar elle ainda no principio de sua carreira; quando chama-se á um homem de burro e ladrão de gallinhas, sem que elle tenha ainda revelado estupidez, nem atacado gallinheiro de casa alguma, é preciso ter sangue de barata, senhor Nogueira, para não calcar um miseravel deste a pés, e encher-lhe a cara de bofetadas, (*avancando para Nogueira*).

NOG.—(*pondo uma cadeira de permeio*) Não quer sentar-se, doutor?

TRIND. — Miseravel!

FRED. — Deixa-te de queimações estupidas, Trindade, o Nogueira não tem culpa da hypotese que tomaste.

TRIND. — Tambem você, só gaiatão, quer divertir-se á minha custa? Vamos lá, não tem mais nada para dizer? Ora que eu seja nesta casa debicado até por um bicho! Olhem por favor para aquella cara.

FRED. — Não é lá das peiores, não é das mais feias.

TRIND. — O senhor acha que eu sou o palitocá da casa?

NOG. — (para os dois) Psica, psica: segura Minerva, (para Trindade) péga Turbante (para Frederico). Psica, psica.

TRIND. — Psica, só miseravel, diz-se aos cães, e cão é você que vem aqui todos os dias filar cigarros, e mendigar muitas vezes objecções de Ecclesiastico ao Macedo, para fazer, além de tudo, um papel ridiculo na sabbatina. Eu sou cafoiro, é verdade, porém a primeira vez que fallei em publico, não deshonrei o meu nome, nem salpiquei de lama a illustre classe á que pertenco. Vá perguntar aos collegas que figura fez o Trindade na sabbatina outro dia? e elles todos responderão—é a primeira que tem apparecido até o presente.

FRED. E NOG. — (tocão o bitú, e gritão) Viva o Trindade! viva! viva!

MAC. — (segurando no braço de Trindade, pro-

cura leval-o para fóra do quarto) Vai-te embora Trindade, que tu estás te prestando á vista aqui d'estes senhores (*apontando para a platéa*).

NOG.—Deixa o caloiro, Macedo, agora é que elle está começando á ficar impagavel.

TRIND.—Eu vou, senhor Macedo, e acredite que se não quebro as ventas d'este patife (*apontando para Nogueira*) é em consideração ao senhor. (*indo á direita*). O' moleque, quando estes senhores sahirem fecha a porta do meu quarto. (*á parte*). Hei de acabar com o tal pagode.

FRED.—(*á Nogueira*) Vamos para o meu quarto, antes que o Trindade quebre-nos as ventas. Além disso eu tenho que te fallar. (*Frederico e Nogueira sahem pela porta da esquerda*).

TRIND.—(*á parte*) Já tenho minha resolução formada, hoje mesmo ponho-me no olho da rua, e ficarei livre dessas amolações continuas, (*sahem pela porta do fundo*).

SCENA V.

MACEDO, só.

El' hoje o dia em que tem de vencer-se essa maldita letra, e até o presente não sei o que fazer, não tenho um real, e nem sei mesmo onde buscar dinheiro para satisfazer esse compromisso de honra. Concordo que deixei-me

arrastar por alguns momentos nesse turbilhão de loucuras que se me apresentou, sem pensar, nem reflectir; porém quando a minha honra e o meu credito podião prejudicar-se, a razão fallou mais alto, e então fugi. Não querendo comprometter a minha dignidade, assignei essa letra, e não posso pagal-a. Oh! malditos sejam todos esses credores! (*sahe pela direita*).

SCENA VI.

NEVES, só.

NEVES.—(*entrando pela porta do fundo, fumando um cigarro, com as mãos no bolso do chambre, passeia por algum tempo distrahido pela scena, senta-se em uma cadeira, e diz pausadamente*). Que cynismo! (*sahe lentamente pela porta da direita*).

SCENA VII.

NOGUEIRA E FREDERICO, (*entrando pela esquerda*).

FRED.—E' o que te digo Nogueira, hoje vence-se uma letrá que o Jacób obrigou o Macedo a assignar—está portanto realmente encalacrado. Aquelle maldito verdugo é capaz de fazer-lhe alguma, e eu antevejo um resultado bem funesto em tudo isso.

Nog.—Deixa o negocio por minha conta, e verás como se trata um credor de estudante. Acredita Frederico; um credor de estudante é o animal mais covarde que pisa o solo de S. Paulo: com quatro gritos e meio abrandar-se e humilha-se como o mais innocente cordeirinho. E então este que foge de um estudante atrevido, como o diabo da cruz! Além disso o Macedo é filho familia, e em face da nossa legislação não é responsavel pelas dividas que contrahe; se quizer pagar é sómente para salvar a sua dignidade.

FRED.—E tu sabes qual é a Ordenação que trata disso para lermos ao Jacob, quando elle vier?

Nog.—Não, porém é o mesmo: improvisa-se qualquer Ordenação, e elle engulirá a pilula com a mesma facilidade com que qualquer de nós engole uma das do Etchecoin. Deixa o negocio por minha conta e verás.

FRED.—Não faças alguma das tuas costumadas pagodeiras, que podes comprometter o Macedo. Eu fallo-te com experiencia; estou aqui ha mais tempo que tu, e em uma occasião quasi fui fazer companhia ao Taborda por uma brincadeira desse genero.

Nog.—Por fallar em Taborda: lembras-te daquella noite em que o Villares foi encontrado pela patrulha nos degrãos da Igreja da Sé mais bebado do que um marinheiro inglez em terra, e que d'ahi foi levado em braços para a Cadeia?



FRED.—Se me lembro! Nessa noite tomei eu uma carraspana de cognac que deu-me para quebrar quantos lampeões encontrava pelas ruas. E' que a claridade me fazia mal.

NOG.—O pagóde não termina ahí: o melhor foi sahir o Villares no dia seguinte pelo largo da Cadeia de chambre e gôrro bordado. Com que cara amarrotada vinha o pobre coitado; isso, porém, não o impedia de marchar ovante e pretençioso como um sultão. Está hoje formado, casado, e dizem que é um excellente pai de familia

FRED.—*O' tempora! ó mores!* que bellos tempos! (*suspirando*) Tens ahí...

NOG.—Um cigarro? ia te fazer o mesmo pedido.

FRED.—Pois deixa de ser filante, que é cousa muito ridicula.

NOG.—Qual, isto é boato espalhado pelos vinagres. Mas, mudando de assumpto, já sabes por quem o Trindade está solememente apaixonado?

FRED.—(*sentando-se na cadeira*) E' molestia de cabeça, não faças caso.

NOG.—Não, é real: é pela filha do Juca do Braz. Passa por lá todas as tardes, e é raro o dia que não venha para casa meio triste e meio alegre.

FRED.—Explica-te.

NOG.—Alegre, porque vê a bella, e triste, porque lhe dão vaias. A vaia parte da casa do

Martins, e amanhã convido-te para apreciar-mos de lá o pagóde. E' uma paixão de Othelo!

FRED.—Qual, isto é um gracejo teu, porque realmente a Desdemonda é uma lambisgoia

NOG.—E' uma paixão diabolica que o levou á loucura de empenhar um fraque! Isto deu logar á que o Martins parodiasse esta poesia do Furtado Coelho—*Quero fugir-te, mas não posso ó virgem.*

FRED.—E' sabes a parodia?

NOG.—Lá vai. (*sentando-se ao piano*) Quando pretendem vocês mandar levar este piano lá para a casa? Vocês souberão mandar buscal-o para o pagóde, mas...

FRED.—Recita a poesia, e deixa-te de massadas.

NOG.—(*acompanhando o recitativo*).

Quero fugir-te, mas não posso ó fraque,

Ab! sou levado pela onça ingrata!

Quero fugir-te, mas fatal ataque

Me lança em terra, me desgraça e mata!

Lançado ao prego és meu vedado pomo,

Ninguém no mundo minha dor comprehende,

Quero fugir-te, quero, sim, mas como?

Sí a tua góla me sorri, me prende?

Para enganar-me digo muitas vezes,

Que és velho, infame, que é loucura amar-te:

Então me lembro que não ha dous mezes,

Que eu fui á casa do Fresneat buscar-te.

Oh ! quantas vezes eu passava as horas,
Mirando as graças de teu talhe airoso,
Hoje perdido para mim tu choras,
Peñido ao prego, ferrugento, idoso.

Fraque querido....

(representando). O' diabo, não me lembro do resto.

FRED.—Bravo, bonito, sim senhor.

SCENA VIII.

OS MESMOS E NEVES.

NEVES.—(entrando pela direita). Que cynismo ! Meus senhores, estou os comprimentando (tira do bolso um canivete e, deitando-se na cama, começa a aparar as unhas).

FRED.—Que furioso cynico ! E' capaz de levar todo o dia ali naquella cama, aparando unhas, e contando as taboas do tecto. Em S. Paulo ha duas classes de vadios ; uns que, parecendo ter o dom da ubiquidade, se apresentam em toda a parte, em bailes, theatros, festas de igreja, leilões do Joly, novenas, etc., menos na Academia ; outros que, inimigos do progresso e da actividade, passam a vida no *dolce farniente*, grammaticalmente estendidos em uma cama, onde deixão á vontade crescer o abdómen. Tu pertences á primeira seita, e cá o senhor, que está deitado, á ultima.

NOG.—Fechaste a porta do meu quarto quando sahiste, Neves ?

NEVES.—(*pausadamente*) Sim, fechei, (*muda de posição na cama*).

FRED.—Tens um companheiro de casa assás divertido !

NOG.—Ha dias que não diz uma palavra ; no entanto é o homem que mais aprecia uma prosa, deitado em uma boa cama, já se sabe, sem nada dizer, mas prompto para tudo ouvir. E sabes qual é a especialidade de prosa que elle mais aprecia ?

FRED.—Sem duvida caçada de veados ou cruzamento de raças de cavallos ?

NOG.—Nada, cousa mais séria; é a these das theses—a vida alheia. Respeita-o como uma das primeiras rabecas de S. Paulo: toca admiravelmente variações sobre motivos de qualquer thema; tem arcaadas de Paganini. Também não respeita ninguém: é um verdadeiro pagão !

FRED.—E qual é o systema da rabequação que elle mais aprecia ? sim, porque ha diversos systemas de rabequar.

NEVES.—Fallei mais alto que eu também vim para a prosa.

NOG.—Fallamos dos diversos systemas de rabequação, e o Frederico tem a palavra.

FRED.—(*em attitudo magistral*). Pois, meus amigos, pela experiencia que tenho atrevo-me a offerecer-lhes uma brilhante prelecção sobre este assumpto. Querem ?

NOG.—Sim, venha lá isso.

NEVES.—Tópo.

FRED.—(com dignidade comica) Ha sujeitos que rabequeião de uma mneira insinuativa : eu me explico melhor—ha sujeitos, por exemplo, que nas suas arcadas dizem : « O Nogueira é um tratante, um canalha, um miseravel, um caloteiro, mas no entretanto é bom moço, cumpre as suas obrigações, tem bôa alma: toma regularmente a sua carraspana, por divertimento já se vê, desmoralisa-se em logares publicos, mas não é máo rapaz, tem bons sentimentos. » Este é o systema aristocratico, rabeça de salão, e que tem grande numero de sectarios. O segundo é o systema dos ronhas. O ronha é o homem que exerce a *ronha*. A *ronha* pôde-se estender á todos os actos humanos : assim é, por exemplo, *ronha* o beato ou o hypocrita que, acabando de bater nos peitos na Igreja, vem cá fóra entregar-se religiosamente ás delicias de Capua. Parece-me que não ha estudantes dessa natureza; no entretanto, se é que ha, sou de opinião que andem de mantilha para se distinguir dos outros. Mas a ronha, applicada especialmente á hypothese vertente, é um certo despreso e mesmo rancor que alguns sujeitos parecem affectar em uma prosa de vida alheia, mas que entretanto extasião-se ás mais pequenas notas do instrumento divino, como o poeta se expande diante do bello. Estes entrão sómente de ouvido, e são tantos os sectarios como os admiradores do Padre Pereira.

NEG.—A comparação é mesmo de bicho.

FRED.—Não me interrompa. O terceiro systema é o dos que fallão mal de tudo e de todos, e não encontram nos homens senão defeitos: é o exclusivismo, e pecca como todos os systemas exclusivistas.

NOG.—E' o systema do Neves.

FRED.—Justamente.

NEVES.—Não tanto.

FRED.—O quarto systema é o dos que rabequeião por mero passatempo, para suavisar as horas de cynismo. E' este o systema que quasi todos nós seguimos, é o menos nocivo, e o que produz menos males, porque não é o odio nem o rancôr que preside á prosa, mas apenas um desejo de pagóde. Taes são, senhores, as observações que tenho colhido de minha longa vida de bicho, e que procurarei ir aperfeiçoando com o correr dos tempos.

NOG.—Bravo! fallas com a experiencia de um velho: és um alcorão; entretanto esqueces o systema dos mitras, que tecem os maiores panegyricos á um sujeito pela frente, e por detrás não são rabecas, são rabecões.

FRED.—Cada dia apparecem novos systemas, e eu ultimamente não estou muito á par do progresso da sciencia, porque os credores não me deixão pôr o nariz na rua.

NEVES.—Vocês estão muito cynicos.

NOG.—(rindo-se) Este desgraçado ainda acaba tocando realejo para se distrahir.

FRED.—O' Neves! diz alguma cousa para animar a prosa: estás mesmo de neve.

NEVES.—Vocês estão estupidamente cynicos: eu me retiro, (*levanta-se da cama e sahe pela porta do fundo*).

FRED.—O' Neves! amanhã apparece mais cedo para prosearchos. (*Nogueira e Frederico riem-se ás gargalhadas*).

SCENA IX.

FREDERICO NOGUEIRA E TRINDADE.

TRIND.—(*entrando com dous negros, aponta para as canastras*) Rapaz, segura ali, (*virando-se para o outro negro*). Rapaz ajuda ali teu parceiro. Irra! Hoje acaba se o pagóde, mudo-me, e está tudo decidido.

NOG.—(*para Frederico*) E' preciso abrandarmos o homem. O Macedo, quando souber que fui eu a causa da mudança do caloiro, queima-se commigo, e eu não estou para indispor-me com elle. Não quero ser o pomo de discordia desta casa. Vou fazer as pazes com o caloiro, (*para Trindade batendo-lhe no hombro*). Não sejas criança, Trindade, foi uma brincadeira propria de rapazes.

TRIND.—Vá-se embora, senhor, não me aborreça.

FRED.—Você também cavaqueia com qualquer cousa, encordoa por uma bagatella.

TRIND.—Pois é qualquer cousa, é bagatella ser um homem constantemente amolado, não poder dizer uma palavra que não lhe respondão com quatro gargalhadas, não poder sahir á rua sob pena de lhe gritarem: *ó burro, ó sandeu, ó caloiro?* Isto é bonito? é proprio de moços decentes e civilisados que frequentão os bancos de uma Academia?

NOG.—Concorro com tudo que quizeres; mas dá-me um abraço, e façamos as pazes. (*Trindade deixa-se abraçar um pouco friamente*) Manda os pretos embora, e continúa a viver com os teus companheiros, que te estimão como um bom menino que és. Deixa-te de criaçadas, e viva a pandega!

TRIND.—Pois bem, se jurão d'ora avante tratar-me como um companheiro de casa, e não como um cão, fico.

NOG. E FRED.—Juramos.

TRIND.—(*virando-se para os negros*) Ponhão-se fóra. (*Os negros sahem*).

NOG.—(*abraçando á Trindade*). Viva a conciliação! Si tivéssemos uma bôa garrafa de vinho poderíamos tornar mais solemne este tratado de paz.

TRIND.—Se promettem cumprir o juramento, isso é o que menos custa. Tenho ali na canastra duas garrafas de vinho, que me restarão do pagóde que dei no dia de minha sabbatina! . .

NOG.—(*á parte*). Sempre desfructavel.

FRED.—(á parte). Lá vem a sabbatina.

TRIND.—(continuando)... e podemos esvasial-as.

FRED. E NOG.—Promettemos.

NOG.—Eu ainda levo a minha promessa mais longe: prometto que de hoje em diante serei o teu mais fiel e dedicado amigo. (á parte) O' magico poder do vinho.

TRIND.—Pois bem—viva a rapasiada, e vamos á pandega (Emquanto Trindade tira as garrafas da canastra, Frederico e Nogueira fazem-lhe gaifonas pelas costas). Aqui estão, rapasiada (dá uma garrafa á Nogueira, e fica com a outra).

SCENA X.

OS MESMOS E MACEDO.

MAC.—(á parte). Aproxima-se o momento fatal: é quasi meio dia, e o verdugo não tarda a apparecer, (reparando para o grupo). Pois que, já fizeram as pazes?

NOG.—Não ha copos nem saca-rolha.

FRED.—Saca-rolha ha um aqui em cima da mesa, (tira o saca-rolha e dá á Nogueira). Quanto a copos dispensa-se perfeitamente, podemos beber pela garrafa—é mais classico.

TRIND.—Está dito, vai-se ao gargallo, (recebe o saca-rolha e abre a garrafa).

NOG.—Viva o Trindade, (bebe).

FRED.—(tirando-lhe a garrafa) Alto frente:

ainda não bebi. A' saúde de sua brilhante sabatina, senhor Trindade, (*vira a garrafa*).

TRIND.—Meus senhores, um brinde: á saúde da emancipação do primeiro annista, e á morte de todos esses prejuizos Academicos que herdámos da velha Coimbra. A' saúde de todas aquellas por quem nossos corações palpitação.

NOG.—(*para Frederico*). Percebo. A filha do Juca do Braz.

TRIND.—Viva a mocidade intelligente e briosa que abandonando, que abandonando, que...

FRED.—(*á parte*). Temos cabelleira.

NOG.—Não se engasgue, dê-me o carôço.

TRIND.—... as affeições mais caras, o lar domestico e a terra que lhe deu o ser, vêm, longe de tudo isso, conquistar os louros que engrinaldárão a fronte de Homero. Tasso, Petrarca, Dante e Camões que, cantando as acções heroicas dos Lusitanos, enxergava um horizonte de glórias no futuro.

FRED.—E assim mesmo não via pouco; olhe que tinha só um olho.

NOG.—Pelo menos assim o diz a historia.

TRIND.—(*pulando em cima da cadeira com enthusiasmo*) Vou arrematar este brinde, senhores, bebendo á saúde d'aquellas idéas que mais se harmonisão com o estado de perfectibilidade e civilisação dos povos: á saúde das idéas republicanas, (*vira a garrafa toda*).

Viva o Porto
Viva o Madeira,
Não é tolice
Uma cabelleira.

(*Todos, menos Macco*).

Viva o Porto,
Viva o Madeira,
Não é tolice
Uma cabelleira.

NOG.—(*á parte*). O vinho já começa a fazer efeito antes de tempo, (*para Trindade*). Passa-me á garrafa.

TRIND.—(*descendo da cadeira*) Já não ha mais nada, (*vira a garrafa de boca para baixo*).

MAC—(*que durante esse tempo passeia pensativo*) Entretanto esquecerão-se de mim.

NOG.—Pois tambem estás hoje tão cynico! não sei o que tens.

TRIND.—(*mal podendo suster-se em pé*). Que diabo, anda-me tudo á roda... o tal vinho é forte. O' Nogueira, tu estás meio fardado, falla franco. Está-me tudo a andar á roda... O' Nogueira anda cá, dá-me ali aquella vela para acender um cigarro. (*mette a mão no bolso, e tira da algibeira um lapis que põe na boca, julgando ser um cigarro*) Que diabo tem este fumo? (*olhando para o lapis*) Está furado, (*atira o lapis no chão*).

FRED.—(*encostando-se á mesa*) Furada está a tua cabeça.

NOG.—De que côr é esta linha Trindade?

TRIND.—Que pagode minha comadre. Vem

cá Mariquinhas, não fujas; olha que é teu beminho quem falla.

NOG.—(*segurando em Macedo, e puxando Frederico*) Não sejam cynicos, vamos formar aqui uma pandega, e apreciar o Trindade emquanto está impagavel. Danse-se o kankan, e viva o pagode. (*A orchestra toca a ultima quadrilha da —Corda Sensível—; Frederico e Nogueira dansão um kankan desesperado, e Trindade sempre cambaleando embrulha-se no cobertor encarnado, trepa em cima da cama, e ahí dansa um kankan infernal, no meo do qual Jacób apparece no fundo, e o kankan ainda continua*). ✕

SCENA XI.

OS MESMOS E JACÓB.

JACÓB.—(*entrando*). Com licença, meus senhores. (*Macedo e Frederico escondem-se na porta da esquerda. Nogueira pára espantado, olhando para Jacób, e Trindade pulando da cama e indo de encontro á Jacób, obriga-o a walsar pelo meo da scena, e largando-o de repente, atira-o de costas*). E' desta maneira (*levantando-se e sacudindo a roupa*) que os senhores recebem as pessoas? (*á parte*) Se não viesse buscar dinheiro... é preciso humilhar-me para vêr se o pilho (*alto*). Não sabem dizer se o Sr. Dr. Macedo está em casa?

NOG.—Julgo que não. O senhor deseja al-

guma cousa? E' sem duvida dinheiro que vem buscar?

JACÓB.—(*risonho*). Como o Sr. Dr. adivinha; é isso mesmo. V. S. é muito pittoresco. Vence-se hoje uma letra que o Sr. Dr. Macedo assignou, e eu vim buscar os 300\$000 por que elle se obrigou.

NOG.—Queira sentar-se (*Na occasião em que Jacob vai sentar-se, Trindade puxa-lhe a cadeira, e atira-o de costas*).

JACÓB.—(*furioso*) O senhor não me deixará! (*á parte*). Este sujeito está bebado.

TRIND.—(*batendo-lhe no hombro*). Excelso vinagrão, eu te saúdo.

JACÓB.—(*risonho*) Isso é lisonja, Sr. Doutor.

NOG.—(*vai buscar o violão, e vem sentar-se em cima da mesa ao pé de Jacob*) Tenha a bondade de explicar-se pausadamente para que eu o entenda.

JACÓB.—Eu já disse ao que vim (*Nogueira acompanha-lhe a phrase á violão*)

NOG.—Póde continuar.

JACÓB.—O Sr. Dr. Macedo devê-me já ha dous annos 300\$000 (*Nogueira acompanha-o á violão*) e para garantia dessa divida pedi-lhe que me assignasse uma letra... (*acompanhamento de violão*). Senhor Doutor, olhe que fallo sério: deixe-se de caçoadas (*acompanhamento de violão*).

NOG.—Sr. Jacob, tenha a bondade de fallar outra vez e repetir o recitativo, para vêr como é sonóro este acompanhamento, (*fêre o violão*).

JACÓB — (*levantando-se*) Eu não vim aqui para ouvir musica, Sr. Dr.; quando quero vou ás retretas.

NOG. — Está incommodado, Sr. Jacób? a retrete é no fundo do corredor á esquerda, (*indicando a porta da direita*).

JACÓB. — Só o que desejo é fallar com o Sr. Dr. Macedo, (*acompanhamento*).

FRED. — (*para Macedo*) O Nogueira com aquelle debique é capaz de comprometter-te.

MAC. — Haja o que houver eu não appareço.

NOG. — (*continuando a tocar*). Ora, Sr. Jacób, esqueça-se d'isso: o Macedo está sem dinheiro, e ainda mesmo que tivesse é filho-familia, e não é responsavel pelas obrigações que contrahe.

JACÓB. — (*furioso*). Não é responsavel, Sr. Doutor! não me diga isso: a letra está assignada por elle, e em nome de sua dignidade deve pagar a.

TRIND. — (*dando uma encapellação em Jacób*). Está queimado! Viva o rei dos Vinagres!

JACÓB. — Olhe que o senhor está me fazendo chegar a mostarda ao nariz. (*faz menção de avançar para Trindade*).

NOG. — (*empurrando-o*) Ponha-se fóra.

FRED. — (*entrando em scena*) Fóra! fóra! (*Trindade dá uma porção de encapellações em Jacób, Nogueira dá-lhe com o violão nas costas, e Frederico ri-se ás gargalhadas*).

MAC.—(*entrando*). O homem queima-se, e é capaz de fazer alguma.

JACÓB.—(*sai pela porta do fundo acs empurrões, e voltando, pára na porta*) Isto é um estorpio, é um vandalismo. Por terem força julga-se uns Rockchilles. Hei de mostrar o que é um negociante offendido em sua dignidade! Eu já volto acompanhado (*sai*).

SCENA XII.

FREDERICO, NOGUEIRA, MACEDO, TRINDADE E

DEPOIS NEVES.

TRIND.—(*ainda envolvido no cobertor encarnado, deita-se de barriga para baixo em cima da cama*). Que pagodeira!

NEVES.—(*entrando comto da a fleugma*) Que algazarra foi esta que vocês fizeram?

NOG.—Foi uma pequena correção domestica em um credor.

MAC.—Vocês com o seu pagode acabão de comprometter-me. O homem sahi desesperado.

FRED.—Elle é incapaz de queimar se: aquillo foi fogo de cavaco.

NOG.—Eu responsabiliso-me pelo resultado.

TRIND.—(*levantando-se da cama*) Esteve riquissima a pagodeira. O' Nogueira! tu viste a cara com que sahi o Jacób? O homem sahi *vraiment* indignado! O' Frederico! passa a gar-

rafa, e vamos beber á saúde do Jacób. Ora esta, homem, quem me vir é capaz de apostar que estou bebado.

FRED.—Qual, não tens nada : estás sómente com um fardão de grande gala.

MAC.—(*passeiando*). Vejam os qual é o desfecho desta tragedia.

NOG.—Eu já te disse que não te masses ; deixa correr o negocio por minha conta.

NEVES.—Mas que diabo de cynismo : eu não os entendo.

TRIND.—Nem eu tão pouco, meu amigo.

NOG.—Pois eu lhes explico, meus amigos. O Macedo deve 300\$000 ao Jacób, elle veio cobral-os, e nós tocamol-o á cachações pela porta fóra. E' uma cousa muito natural, e que nada tem de extraordinario : seria extraordinario se o Macedo pagasse a divida e o deixasse sahir impunemente.

TRIND.—Lá isso é ; tem toda a razão. Mas que diabo tenho eu que está tudo a andar-me á roda ? E esta ? parece-me que tenho tanta gente na minha frente ; dar-se-ha o caso que eu esteja em aula ? O' Araujo ! dá-me o compendio, e passa-me uma lição que eu estou *in albis*.

FRED.—(*segurando em Trindade e procurando levar-a para a cama*). Vai te deitar, Trindade, que tu estás meio incommodado.

TRIND.—Quem ? eu incommodado ? O' Frederico ! não me insultes ; olha, eu vou aqui á republica vizinha, e vê só a certeza com que

ando (*vai cambaleando para o fundo da scena, e encontrando-se com Jacób, que entra com um official de justiça, atira-o ao chão*).

SCENA XIII.

OS MESMOS E JACÓB.

JACÓB.—Não ha duvida—este sujeito está tocado.

TRIND.—Levante-se, que eu não brigo com homem deitado.

JACÓB.—(*levantando-se.*) Pois, meus senhores, agora espero obter um melhor resultado, porque trouxe uma bôa carta de recommendação de pessoa influente, á quem os senhores não pódem deixar de servir. (*tira do bolso uma citação, e entrega a Macedo*).

MAC.—(*lendo*). E' uma citação; eis o desfecho terrivel que eu esperava de tudo isto.

NOG.—Uma citação!

JACÓB.—Quando vim pela primeira vez já a tinha commigo; pois sabia perfeitamente que o Sr. Macedo havia de esquivar-se ao pagamento da divida; porém o acolhimento benevolo que aquelle senhor (*apontando para Trindade*) prodigalisou-me obrigou-me a ir pedir o auxillio da justiça para fazer valer o meu direito: é a razão por que volto agora com este senhor.

MAC.—E julga o senhor que vem fazer valer o seu direito, quando usa de uma infamia?

FRED.—(batendo o pé) Sim, é uma infamia.

TRIND.—(cambaleando para elle, e dando-lhe um arrôto na cara) E' um desafôro; é uma vinagreira.

JACÓB.—Será tudo o que os senhores quizerem.

NOG.—Pois bem, se erão os seus designios comprometter a reputação sem mancha de um mogo, fazendo-o comparecer perante uma autoridade por um motivo que o diffama, e extorquir depois, abrigado á sombra da lei, o dinheiro que lhe roubou, se erão estes os seus designios, senhor Jacób, fique convencido que nunca os realisaria. Eu já volto (*sahe precipitadamente*).

SCENA XIV.

TRINDADE; JACÓB, FREDERICO, MACEDO, NEVES,
DEPOIS NOGUEIRA.

JACÓB.—(*á parte*). Elles todos fallão em dignidade, em vinagreira, e dizem tudo o que lhes vem á boca, mas quando têm de bater o cobre, vêm com desculpas, quando não dão para atrevidos.

MAC.—Então com que o senhor esperava que eu havia de esquivar-me ao pagamento da divida? (*com furor*). O senhor é bem ordinario.

JACÓB.—Ora, Sr. Dr., isto não vai á zangar.

FRED.—(*á parte*). O que iria fazer o Nogueira em casa?

TRIND.—Estes credores são temíveis!

MAC.—E' bem triste a minha posição, porém a sua ainda é mais, é degradante. Digame, finalmente, senhor Jacób, o que pretende fazer?

NOG.—(*entrando apressado*). Cousa nenhuma, (*para Macedo*). Aqui tens o dinheiro que te devo.

MAC.—Dinheiro que me deves?

NOG.—(*em voz baixa*) Cala-te, e aceita. Senhor Jacób, a sua divida vai ser satisfeita, mas antes de tudo ha de ouvir-me. Ha ladrões que, embrenhando-se pelas mattas, assaltão os viandantes de pistola e faca; ha outros que roubão de luva de pellica nos salões da nossa aristocracia, estes têm por campo de batalha uma mesa de jogo; ha outros, finalmente, os mais corruptos que são aquelles que, arrimados á um balcão, roubão com papel, penna e tinta. O senhor faz honra á esta ultima especie: é um ladaão, e um ladrão muito mais perigoso do que os outros. Dê-me essa letra, documento authentico de sua infamia, e tome o seu dinheiro. (*tira o dinheiro da mão de Macedo, e esfrega-lhe na cara*).

JACÓB.—Ora, senhor Doutor, não se zangue; deixe-se de brincadeiras.

MAC.—(*abraçando Nogueira*). Obrigado, meu amigo, obrigado. Acabas de provar que

tens uma alma grande e generosa, que, no meio dos risos e folguedos proprios da nossa idade, não olvidas esses sentimentos sagrados, que tanto ennobrecem o coração do bom amigo. Obrigado, obrigado.

JACÓB.—(que durante esse tempo está contando o dinheiro) Está exacto. Agora vamos fazer outra visita. O dia está feliz.

NOG.—Ponha-se fóra. (todos tocão Jacób pela porta fóra).

TRIND.—Viva a pandega! (cahe na cama).

NEVES.—(olhando ao redor da scena). Que cynismo!

(Toca a orchestra a ultima quadrilha da Corda Sensivel; dansão todos o kankan).

—Cahe o panno.—

FIM.

JUÍZO CRÍTICO

MEIA HORA DE CYNISMO

Diziam que a nossa comedia de costumes estava enterrada na sepultura do Penna. Habeis escriptores têm trabalhado por desenterral-a de lá, e aos esforços dos Alencares e Macedos vem junctar-se de vez em quando mais de uma esperança lisonjeira.

O Sr. França acaba de proval-o. Sua primeira composição revela um talento de observação dos mais felizes. Dentro em pouco, si continuar a trabalhar, pôde dar os bons dias de chapéo na cabeça ao immortal autor do *Noviço*.

Contudo, a *Meia Hora de Cynismo* não é ainda uma realidade, é um ensaio, uma promessa com garantia de cumprimento. Logo que o autor sahir do acanhado circulo dos costumes academicos para entrar nos do grande mundo, hade desinvolver, tenhamos fé nelle, todos os recursos de seu talento e continuar a bella, mas difficil obra da comedia nacional.

Ha muita originalidade neste nosso mundo academico, muito typo curioso, muito cacoethe de que nós mesmos, para servir-me de uma palavra de G. Sand, rimo-nos paternalmente. O Sr. França conhece-os á fundo, e com sua varinha de condão soube animal-os com uma naturalidade que a platea, isto é, o publico acade-

mico reconheceu-se no retrato e applaudio a habilidade do poeta.

Tambem, fóra d'aqui não seria comprehendida uma palavra da *Meia Hora do Cynismo*. Os costumes são escolasticos, a linguagem é da gíria dos estudantes; de modo que todo o interesse reside no apanhado intelligente e sabio dos traços mais salientes da nossa vida.

Trindade é o typo do caloiro: desconfiado, praqueja contra as vaias, «esses prejuizos academicos que herdamos da velha Coimbra,» blasona da reputação sustentada entre os collegas, discursador eterno, namorador por necessidade, dizem elles, de refocillar o espirito das arduas e abstrusas fadigas do direito romano.

Nogueira está no pleno gozo dos direitos de cidade: conferiu-lh'os a matricula no segundo anno, tem diploma de vaista e ampla licença de brincar e debicar com os amores do caloiro, mesmo porque já perdeu a illusão dos seus. Nogueira é além disso excellenté rapaz, generoso e livra um collega das garras de um credor acompanhado de um beleguim de justiça.

Neves é o cynismo legitimado em face das ordenações do Reino. Quem deixou aquella doce vida de segund'annista e embrenhou-se na carga espinhosa da legislação civil e criminal, não pôde deixar de inclinar a cabeça sobre o peito e chorar o passado que não volta. Ha grande differença do cynismo para o *spleen* da sisuda raça

britannica: não ha exemplo, nos annaes da faculdade, de um *cynico* que tenha feito saltar os miolos da cabeça. Provavelmente porque sabe o uso que hade fazer d'elles.

Macedo, o quart'annista, tem já metade da severidade do juriconsulto. Contrahiu uma dívida que não póde pagar, e por isso vê sua dignidade em apuros. Mas Nogueira é um amigo dedicado e salva-o das consequencias de um momento de irreflexão.

Frederico é um bicho fugido do collegio, bicho chronico, que já viu entrar e sair muitas gerações delos geraes da academia, e narra as lendas dos tempos heróicos, aos cursistas que se succadem. A experiencia dos annos dá-lhe o direito de perguntar á Nogueira qual é a ordenação que invalida as dividas contrahidas pelo filho familia.

A acção... Não tem acção, é um quadro de costumes, é uma *prosa*, simplesmente. E por isso, repito, a *Meia Hora de Cynismo* é apenas uma promessa.

As adhesões da platéa mostraram ao joven escriptor quanto ella confia em seu talento. E como aqui a platéa é o corpo academico, creio poder traduzir seus applausos n'uma merecida saudação ao Molière do quarteirão latino.

25 de Agosto.

MACEDO SOARES.

A VENDA NA LIVRARIA DE A. A. DA CRUZ COUTINHO, RUA
DE S. JOSE' N. 75.— RIO DE JANEIRO.

- Abamoacara*, tragedia em 4 actos.
Abel e Caím, comedia-drama em 3 actos.
Abençoada diabrura, comedia em 1 actu.
Abençoada Resignação, drama em 3 actos.
Abnegação, drama em 4 actos.
Abençoadas lagrimas, drama em 3 actos.
Abençoados infortunios, comedia-drama em 3 actos.
Affonso III, ou o valido d'El-Rei, drama em 5 actos.
Agostinho de Ceuta, drama em 4 actos.
Alfageme de Santarem, drama e u 5 actos.
Agonia e conforto, drama em 3 actos.
Alvaro de Abranches, drama em 4 actos.
Alvaro da Cunha, ou o cavalleiro d'Alcacer-quivir,
drama em 5 actos.
Alzira ou os americanos, tragedia em 5 actos.
Ambições de um eleitor, comedia em 2 actos.
Ambrosina, drama em 5 actos.
Amemos o nosso proximo, comedia em 1 acto.
Amelia, drama em 3 actos.
Amigos (os) intimos, comedia em 4 actos.
Amor e honra, drama em 2 actos.
Amor e firmeza, drama em 4 actos.
Amor de madrastra, comedia em 1 acto.
Amores de um marinheiro, comedia em 1 acto.
Amor proprio mal cabido, comedia em 1 acto.
Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto.

- Casamento clandestino*, comedia em 5 actos.
- Carlos ou a familia do avarento*, comedia em 4 actos.
- Cagliostro, ou os Carbonarios*, drama em 4 actos.
- Castello (o) de Montouvier*, drama em 5 actos.
- Casado por commodidad*, comedia em 1 acto.
- Casamento (o) de Figaro, ou as Loucuras de um dia*,
comedia em 1 acto.
- Captivo de Fez*, drama em 5 actos.
- Casa (a) Maldita*, drama em 4 actos.
- Cego (o)*, drama em 5 actos.
- Cerração no mar*, scena dramatica.
- Cigano (o)*, drama em 5 actos.
- Cigana (a)*, drama em 5 actos.
- Chale de cachemira*, comedia em um acto.
- Clara Hartouwe*, drama em 3 actos.
- Club Godepar*, comedia em 1 acto.
- Cynismo, Septicismo e Crença*, comedia-drama 2 actos.
- Compadre Suzano*, comedia em 5 actos.
- Como se sobe ao poder*.
- Como se descobrem marcebas*, comedia em 1 acto.
- Costureira (a)* comedia em 1 acto.
- Corde Sensivel*, comedia em 1 acto.
- Cora, ou a escravatura*, drama em 5 actos.
- Criada (a) diplomata*, comedia em 1 acto.
- Cruz (a)*, comedia em 3 actos.
- Crime (o) ou 20 annos de remorso*, drama em 5 actos.
- Consequencias do carnaval*, comedia em 1 acto.
- Eulpa e arrependimento*, drama em 4 actos.

- Caridade (a) na sombra*, drama em 3 actos.
- Cautela com as Cautelas*, comédia em 1 acto.
- Cavalleiro (a)-S. Jorge*, comédia em 3 actos.
- Corôa (a) de Louro*, comédia em 2 actos.
- Coronel (o)* comédia em 1 acto.
- Diabolo atraz da porta*, comédia em 1 acto.
- Dalila*, drama em 4 actos.
- Diabo, defunto e militar*, drama em 2 actos.
- Diabo no Rio de Janeiro*, scena comica.
- Diabo (o) a quatro n'uma hospedaria*, comédia em 1 act.
- Dois casamentos de conveniencia*, comédia em 3 actos.
- Dois genios iguaes não faze n'liga*, comédia em 1 acto.
- Dois por um*, comédia em 1 acto.
- Dr. (o) Gramma*, comédia em 2 actos.
- Dois Irmãos*, drama em 6 actos.
- Doído por conveniencia*, comédia em 1 acto.
- Dois tímidos*, comédia em 1 acto.
- Dois primos*, comédia em 3 actos.
- Duas epochas da vida*, comédia em 2 actos.
- Dois (os) serrilheiros*, drama em 5 actos.
- Dois (os) sargentos*, drama em 5 actos.
- Dois (os) proscriptos*, drama em 5 actos.
- Duas paixões*, comédia em 1 acto.
- Dois cães a um osso*, comédia em 1 acto.
- Expiacão (a)*, comédia em 4 actos.
- Emilia, ou o orgulho*, drama em 5 actos.
- Escravo (o) fiel*, drama em 5 actos.
- Engilado (o)*, drama em 3 actos.